

Língua e meio ambiente na literatura oral em língua Tetun, Timor Leste

Davi Borges de Albuquerque, Universidade de Brasília

1. Introdução

A República Democrática de Timor Leste é uma pequena ilha localizada no sudeste asiático. O país conquistou sua independência após uma dominação indonésia que se iniciou em 1975 e estendeu-se até 1999. As línguas oficiais de Timor Leste, de acordo com a constituição de 2002, são a língua portuguesa e a língua Tetun, ainda, são aceitas a língua inglesa e indonésia como línguas de trabalho.

Além das línguas reconhecidas na constituição (português, Tetun, inglês, indonésio), há no pequeno território do país, aproximadamente 14.600 km², uma grande variedade de línguas nativas, cerca de 16, sendo algumas com uma ampla variação dialetal, e pertencentes a diferentes filiações genéticas, a saber: austronésicas e papuásicas.

Este artigo trata-se apenas de uma introdução à análise das narrativas orais tetumófonas, de acordo com uma abordagem ecolinguística. Para tanto, em (2), serão discutidas questões referentes à coleta de dados de narrativas orais, assim como a literatura oral em Timor Leste, enfatizando a literatura em língua Tetun. Em (3), será apresentada a abordagem ecolinguística utilizada para, em seguida, analisar nas narrativas tradicionais tetumófonas como uma influência das limitações do meio ambiente leste-timorense refletem-se nas manifestações linguístico-literárias.

2. A literatura oral tetumófona

O estudo da tradição oral tetumófona apresenta vários obstáculos. Os dois principais são: a escassez de registros da literatura oral, que foram de autoria de diversos estudiosos e publicadas as traduções em diferentes línguas e em diferentes países, porém nenhum deles foi Timor Leste; e as dificuldades surgidas no processo de coleta de dados.

A primeira coletânea de textos foi compilada por Mathijsen (1915), publicada na Holanda e traduzido para Holandês; Sá (1961) publicou uma coletânea de narrativas em Tetun, em Portugal, essa obra destaca-se por apresentar, além das traduções em língua

portuguesa, um amplo conjunto de notas e comentários às narrativas, juntamente com glosas tentativas por parte do compilador; Bartkowiak (1979) publicou também um conjunto de narrativas da literatura oral tetumófona traduzidos para a língua inglesa, porém o local de publicação foi a Ilha de Flores, atual território indonésio; Morris (1984) compilou um conjunto de narrativas e poesias de vários locais de Timor Leste, não se concentrando somente na tradição tetumófona, essas foram publicadas nos Estados Unidos e traduzidas para o inglês; Seran (1986) realizou a compilação de gêneros poéticos da tradição oral em língua Tetun, essa obra foi publicada na Indonésia, assim como os textos foram traduzidos para o *bahasa indonesia*; o *Mary McKillop Institute of East Timorese Studies* organização com objetivos de alfabetizar e formar professores em Tetun, sediada em Sydney, Austrália, nos últimos anos vem publicando vários livretos das narrativas tetumófonas, a maioria deles monolíngue, porém há uma pequena coleção das narrativas traduzidas para língua inglesa, que chegam um pouco mais de dez títulos. Somadas todas as publicações do *Mary McKillop Institute of East Timorese Studies*, elas alcançam um número superior a 100, entre histórias da tradição oral tetumófona, manuais didáticos e para professores, assim como dicionários. Os temas abordados nessas histórias publicadas são: as narrativas que envolvem o surgimento da ilha de Timor, como *lafaek nebé fan ba rai timor* ‘o crocodilo que virou timor’; elementos da cultura imaterial leste-timorense como o culto ao crocodilo, em *lafaek toba* ‘o crocodilo dormindo’; e várias outras narrativas que são muito comuns e possuem a estrutura de fábulas, como *falur ho nehek ida* ‘o golfinho e uma formiga’, *laho ho busa* ‘o rato e o gato’ e *manduku ho lenuk ida* ‘o sapo e uma tartaruga’.

O segundo problema que surge é em relação à coleta de dados. Na coleta de dados das tradições orais tetumófonas, assim como em qualquer comunidade, há certa resistência por parte da comunidade em relação ao pesquisador, há também a relutância ou proibição por parte do líder do ritual (orador, curandeiro, entre outros). Ainda, a tradição oral em si está se perdendo por causa da urbanização e da cristianização, e os reflexos dessa cultura cristã e urbanizada já pode ser visto atualmente em várias narrativas. Outro fator que dificulta, consiste em muitos estilos literários orais leste-timorense serem realizados apenas em ocasiões específicas, como o falecimento de um chefe, uma data de importância cultural (como épocas de semeadura e colheita), entre outras.

Dessa forma, em Timor Leste o pesquisador encontra as seguintes dificuldades¹: nos centros urbanos do país, como a capital Dili, e alguns distritos mais urbanizados, como Manatuto, as tradições orais se perderam quase por completo pelos fatores de estarem ligadas ao atraso e a culturas rurais, que são vistas de maneira pejorativa, e pela cristianização que a população leste-timorense vem sofrendo desde a chegada dos portugueses no século XVI. Conforme será visto na seção seguinte, a tradição oral tetumófona documentada está repleta de elementos lusófonos e cristãos com narrativas a respeito da chegada dos portugueses e dos missionários, sobre os poderes dos padres, punições divinas, e em alguns casos até o repúdio ao animismo que sempre foi praticado pelos povos leste-timorenses (Sá, 1961).

Quando estava fazendo pesquisa de campo em Timor Leste, perguntei aos meus informantes, residentes na capital do país, Dili, se eles poderiam contar para mim alguma história da tradição oral de suas línguas. Obtive duas respostas distintas: alguns me informaram que não conheciam nada da tradição oral, pois eram nativos da capital, área urbanizada, que o ato de contar histórias e/ou conhecê-las era típico de pessoas “atrasadas” que eram dos distritos fora da capital; outros informantes me responderam que conheciam pouca coisa das narrativas tradicionais, e não saberiam conta-las de maneira adequada, somente quem sabe contar as narrativas tradicionais de maneira correta são os *lian-nain* ‘contador de histórias, orador’. Esses informantes narraram para mim algumas histórias com muita relutância após grande insistência de minha parte, insistindo nas afirmações de que não conheciam corretamente, e que as estavam narrando de maneira inadequada.

¹ Klinken (2000), ao analisar as tradições orais tetumófonas, faz um levantamento das dificuldades possíveis de ser encontradas na coleta de dados.

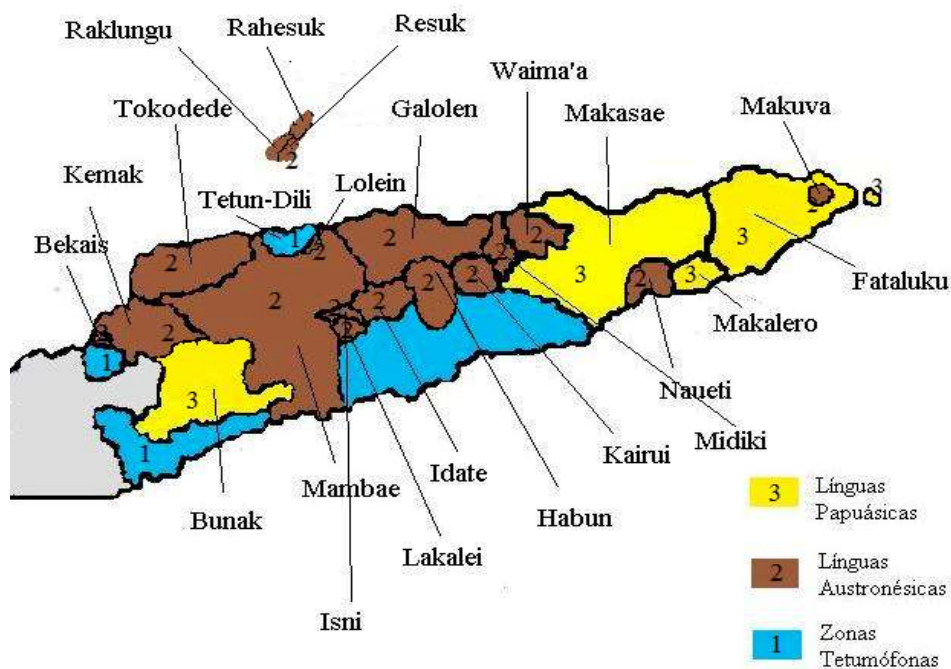
Mapa 1.
Distritos de Timor Leste



(Fonte: <http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=743&lg=pt>)

Uma situação semelhante à apresentada anteriormente foi descrita por Traube (1986: xi). A antropóloga optou por realizar sua pesquisa de campo em Laleia, distrito de Manatuto, a respeito dos rituais tradicionais do povo falante de Galolen. Este grupo etnolinguístico acabou por afirmar à pesquisadora que eram “aculturados”, católicos praticantes, falantes de português e que há tempos descartaram esse tipo de tradição. Ainda, ela encontraria somente alguns velhos pertencentes ao povo Galolen, que residiam em regiões isoladas, que provavelmente saberiam algo sobre esses ritos antigos. Assim, a autora partiu para Aileu com o intuito de realizar sua pesquisa com os Manbae, outro grupo etnolinguístico leste-timorense, porém estes mantêm várias tradições ritualísticas até a atualidade.

Mapa 2. As línguas nativas de Timor Leste



(Fonte: Albuquerque, 2009, adaptado).

Na sociedade leste-timorense a importância de separar povos mais urbanizados daqueles tradicionais é tamanha que apresenta reflexos linguísticos importantes. Há vários lexemas para se referir aos povos tradicionais, assim como separar um do outro. Entre eles: o lexema *kaladi* ‘habitante nativo da parte ocidental de Timor Leste’ também possui um significado pejorativo sendo usado para se referir aos povos tradicionais como ‘atrasados’, esse lexema é empregado em várias línguas; o mesmo é válido para o empréstimo lusófono *atrazadu* ‘retrógrado, campestre, rural’ que também é falado pelos habitantes leste-timorenses; na língua Manbae, há o lexema *kair* ‘plantar, semear’ que recebe um sufixo nominalizador *kair-a* ‘aquele que trabalha no campo’, significando também ‘caipira’.

2.1 Os gêneros literários tetumófonos

A respeito da classificação dos gêneros textuais tetumófonos, foco do presente estudo, há ligeira diferença nos poucos estudos que analisaram as tradições orais em Tetun. Klinken (2000) analisa as tradições orais tetumófonas focando na forma e nas estruturas linguísticas típicas de cada uma delas. Therik (2004) é um estudo exaustivo

das sociedades matrilineares tetumófonas através da tradição oral e permanece como o mais completo até a atualidade. Gomes (2007) analisa a estrutura literária de vários contos tradicionais, assim como sua importância didático-formativa para a sociedade leste-timorense.

Dos principais trabalhos sobre a tradição oral tetumófona, citados anteriormente, pode-se identificar três gêneros textuais, são eles: *hamulak*, *ai knananuk* e *ai knanoik*. A seguir, serão classificados brevemente cada um deles, de acordo com sua forma linguística e sua função social.

- *hamulak*: oração narrativa em versos, o *hamulak* é usado somente em cerimônias ritualísticas, como: inauguração da *uma lulik* ‘casa sagrada’, abertura de *toʔos foun* ‘horta nova’, nas saudações de chefes *hase liurai* ‘saudação ao nobre’ e nos enterros destes mesmos chefes leste-timorenses, chamados *hakꞫi matE* ‘funeral de nobre’. Ainda, os versos se utilizam de paralelismos, que consistem no segundo verso, ou segunda parte do verso, ser uma repetição do verso anterior, ou da primeira parte, com ligeira modificação somente de um elemento na segunda parte, o que faz com que existam diversos de pares poéticos. Os versos *hamulak* também se utilizam de um léxico próprio, com uma série de palavras não usadas no dia a dia, sendo até alguns destes lexemas pouco usados inteligíveis aos falantes tetumófonos. Segue um exemplo abaixo (Gomes, 2007, p.51):

1. naʔi lakan oan, naʔi roman oan
o dono do brilho, o senhor da luz
neʔe leten ba, neʔe aas ba
está nas alturas, está no lugar mais alto,
neʔe nu wirun ba, bua wirun ba
está em cima do coqueiro, em cima da arequeira,
nu diki meak, bua diki meak
está na ponta do coqueiro, no topo da arequeira
lolo liman la toʔo, biʔi ain la daer
estender a mão não chega, erguer os pés não chega
lesu nakore, biru nakasuk
o *lesu*² desaperta-se, o *biru*² caiu para trás,

² *Lesu* e *biru* são vestimentas tradicionais leste-timorenses. O *lesu* consiste em um pano para amarrar na cabeça. Enquanto o *biru* é uma fita, geralmente ornamentada, para segurar o *lesu*.

temi la to?o, kaer la kona
não é capaz de dizer, não é capaz de pegar.

- *ai knananuk* ~ (*ai*) *kananuk*: poesia oral que é usada em festas tradicionais, ou seja, eventos sociais que possuem certa importância cultural, como noivado, cortejo, reza, ato de cozinhar, dar boas vindas a convidados importantes. Os *ai knananuk* podem ser entoados juntamente com o *hamulak* se coincidirem a festa e a cerimônia tradicionais e juntamente com os *ai knanoik* quando estes versam sobre o mesmo tema. Ainda, os *ai knananuk* também apresentam paralelismo³ e um léxico pouco usado⁴ (Klinken, 2000):

2. ama o sei fihi, fihi heek baa.
Paizinho⁵, se você ainda me rejeita, que assim seja!
fihi mola feto ma?ak tuur niti hasaraek kmurak.
Você rejeita uma mulher que é trabalhadora no tear.

- *ai knanoik* ~ (*ai*) *kanoik*: contos populares que versam sobre os mais diversos temas, como: mitos de origem, de nobres e de eventos passados, histórias com fins de entretenimento e fábulas com fins educativos. Diferente do *hamulak* e do *ai knananuk* não possuem restrição em relação ao momento de ser entoado, ou seja, não possuem função ritualística. Ainda, os *ai knanoik* são em forma narrativa e se utilizam da linguagem popular, assim não é contado em nenhum registro especial de língua e nem se utiliza de recursos estilísticos idiossincráticos.

³ Paralelismo é o termo usado para se referir aos versos construídos aos pares, sendo dois versos, ou um verso dividido em duas partes, com sintaxe idêntica e centralizados em um, ou dois, lexemas. No caso de apenas um lexema central, o paralelismo ocorre como duas maneiras distintas de aludir a este lexema. No caso de dois lexemas centrais, ocorre a mesma construção sintática para fazer referência a eles.

⁴ O léxico pouco usado trata-se de arcaísmos que não são mais falados, pois foram substituídos por empréstimos ou calques lusófonos.

⁵ O lexema ama 'pai' pode ser usado de maneira afetiva para a esposa se referir ao marido.

3. Língua e meio ambiente nas narrativas Tetun (ai-knanoik)

A ecolinguística é definida por Couto (2007a) como o estudo das relações entre língua e meio ambiente. Esta definição segue a tradição dos estudos de ecologia linguística iniciada por Haugen (1972: 325) que definiu a ecolinguística de maneira semelhante como “o estudo das interações entre qualquer língua e seu ambiente”. Mühlhäusler (2003: 2), além de utilizar a definição de Haugen, afirma que a ecolinguística considera a língua “não apenas como um sistema de fatores internos, mas também fatores ambientais mais amplos”.

A proposta de Couto (2007a) vai além ao considerar que o ‘ambiente’, ou ‘meio ambiente’, levado em conta pela ecolinguística é o equivalente do conceito biológico de meio ambiente (MA) “para a linguística é o todo formado pela população (P) e as inter-relações ou linguagem (L) entre seus membros com o território (T)” (Couto 2007b: 82). Há também a junção destes três elementos, a saber: a população (P), a linguagem (L) e o território (T), que formam o todo conhecido como Ecosistema Fundamental da Língua (EFL).

Ainda, o EFL pode ser analisado em três ecossistemas menores com seus respectivos meios ambientes. A totalidade dos indivíduos que formam P, juntamente com suas interações reais e potenciais, constitui o MA Social da Língua. A totalidade constitui o Ecosistema Social da Língua. O cérebro/mente dos membros de P constitui o Ecosistema Mental da Língua, no seio do qual as conexões neurais constituem o MA Mental da Língua. Finalmente, podemos considerar L em relação ao MA Natural, físico, que fica no interior do Ecosistema Natural da Língua. Tudo na dinâmica da língua tem a ver com esses três ecossistemas e respectivos MAs.

No presente artigo, segue-se a abordagem de Couto (2007a), apresentada brevemente acima, para se analisar as relações entre a língua Tetun e o meio ambiente leste-timorense (que corresponde ao território (T)), assim como são as repercussões deste meio ambiente nos *ai knanoik*. Dessa maneira, antes de ser iniciada a análise, será descrito sucintamente o território (T) de Timor Leste, que se caracteriza como o meio ambiente com suas limitações, mencionado anteriormente.

3.1 O meio ambiente leste-timorense: noções básicas

Geologicamente, as ilhas da região chamada de Nusantara Oriental, onde se localiza Timor, fazem parte da grande placa tectônica australiana e são classificadas

como ilhas vulcânicas. Porém, o solo de Timor Leste, de acordo com Fox (2000), é um solo predominantemente barroso, com a presença de alguns materiais rochosos, principalmente rochas metamórficas, sedimentares e vulcânicas. Em relação ao relevo pode-se afirmar que é predominantemente montanhoso, exceto ao longo do litoral onde há uma planície, assim como a presença de banco de corais e recifes, e na região fronteira com a indonésia onde ocorre um planalto e pequenos morros. As montanhas leste-timorenses chegam a atingir mais de 2.000 metros de altitude e são nomeadas conforme a importância social delas dentro da cultura dos diferentes grupos etnolinguísticos leste-timorenses.

O clima de Timor Leste é de monções, caracterizando-se por longos períodos secos: de março a junho e de agosto a novembro, enquanto de dezembro a fevereiro e no mês de julho são os dois períodos que chegam as monções que trazem chuvas à região. Isso resulta na formação de rios caudalosos nos diversos vales existentes entre os montes e as montanhas, especialmente na época das chuvas.

Dessa maneira, as únicas áreas férteis do solo leste-timorense são os vales que acumulam água e tornam o solo produtivo para a agricultura. As demais regiões não são próprias para agricultura, mesmo os solos considerados mais produtivos são pouco férteis, possuem somente a predominância de cálcio, enquanto apresenta ausência de outros nutrientes necessários à plantação⁶. Esses fatores limitaram, e continuam limitando, a agricultura de Timor Leste a um número reduzido de produtos a serem plantados, assim como com poucos nutrientes, o que refletiu na povoação do território e na importância da água e da alimentação na cultura dos grupos etnolinguísticos leste-timorenses.

3.2 A seleção da literatura oral *ai knanoik*

Para analisar as relações entre língua e meio ambiente em Tetun, utilizar-me-ei somente dos contos populares tetumófonas, chamados de *ai knanoik*, pelo fato de muitos deles estarem bem documentados e analisados linguisticamente com traduções, glosas e notas, por Sá (1961). Ainda, Gomes (2007) apresenta uma série de *ai knanoik*, juntamente com transcrições, traduções e propostas de interpretação, que também serão utilizadas no presente artigo.

⁶ Para uma análise completa dos elementos da tríade ecolinguística (Couto 2007a): povo (P), língua (L) e território (T) em Timor Leste, ver Albuquerque (2010).

A análise desta seção enfocará em como as limitações do meio ambiente leste-timorense – ausência de chuva, predominância de solo impróprio à agricultura, influência do relevo – refletem-se nas manifestações linguístico-literárias, especificamente nos *ai knanoik* em língua Tetun.

Foram selecionados trechos dos seguintes *ai knanoik*: *Manumatadador*, *Buibabukulasak* ambos são antropônimos tetumófonos, *lekrauk no laho* ‘o macaco e o rato’, *lekrauk ho lafaek* ‘o macaco e o crocodilo’ e *asu ho lekrauk* ‘o cachorro e o macaco’. A estrutura delas está organizada da forma a seguir: primeiramente um resumo do *ai knanoik* seguido do título, depois estão transcritas em Tetun as passagens utilizadas, e, por último, a tradução livre.

3.3 Análise ecolinguística dos *ai knanoik*

Por limitações ambientais, a alimentação e água são consideradas sagradas e de fundamental importância na cultura leste-timorense. De natureza animista, os povos de Timor Leste realizam cerimônias ritualísticas para marcar a época da sementeira, assim como para a colheita. Nessas cerimônias, como foi comentado anteriormente, ocorre a entoação dos *hamulaks* e, se coincidir com alguma data festiva, são entoados também os *ai knananuk*. Ainda, há sacrifício de animais, períodos de reclusão, uso de vestimenta tradicional, entre outras características⁷.

Dessa maneira, na literatura tetumófona é comum a figura de vilões que roubam comida, ou que criam situações de maneira astuta para de alguma maneira se beneficiar do protagonista. Geralmente, esses benefícios envolvem a alimentação, as hortas já plantadas, ou casamentos. No final dos contos populares (*ai knanoik*) há sempre a punição deste vilão, sendo desmascarado, banido ou morto. O mesmo acontece na sociedade rural leste-timorense, que puni o roubo severamente, já que o objetivo é de ajuda e divisão recíproca nos períodos de cultivo e colheita dentro do *knua* ‘vilarejo’.

O primeiro *ai knanoik* a ser analisado, intitulado *Manumatadador*, conta a história dos gêmeos Koli, do sexo masculino, e Sawak, do sexo feminino, que são separados de sua mãe, Buik Ikun, ao nascerem, por causa da inveja das seis irmãs dela. Eles são trocados por dois cachorros e passam a ser criados por uma cadela na floresta. Após sobreviverem, novamente suas seis tias tentam matá-los envenenando suas

⁷ Para uma análise do *ai-hulun*, ritual de origem Manbae, ver Araújo (2010). Esta análise é importante, pois destaca vários elementos tradicionais do *ai-hulun* que são comuns aos vários povos leste-timorenses.

comidas. A cadela que cuidou de Koli e Sawak come a comida envenenada para salvá-los e morre. Desesperados e famintos Koli e Sawak partem a procura de comida, quando roubam comida de uma horta que acabam por descobrir que pertence a seu pai. Finalmente, surge *Manumatadador*, um galo mítico que narra os acontecimentos verdadeiros ao pai de Koli e Sawak, que retornam a sua família de origem nobre.

No parágrafo abaixo, está reproduzido o momento que Koli e Sawak partem famintos e roubam comida de uma horta alheia:

3. *Manumatadador*

Iha dalan klaran Sawak hili tiha kakaluk ida, nia laran iha kaleik ida ho babiduk halo ho osa mean. Sira rua la?o-la?o sai tan ona to?os ida, sira rua tama ba hasoru los katuas ho ferik ida iha to?os laran. Ferik ho katuas laran haksolok tebes tanba sira ruaoan la iha. Hahuu loron ne?e kedas Sawak ho Koli hela hamutuk ho katuas ho ferik ne?e. Loro-loron Sawak haruka Koli ba halimar kaleik ho babiduk ho labarik oan seluk iha liurai uman. Liurai ne?e oalaek, tan ne?e mak nia hakarak atu haree labarik oan sira halimar, hodi halo nia matan labele dukur. Loron ida Koli nia kaleik tama liu tiha liurai ne?e nia kakaluk laran.

Manumatadador (tradução)

No caminho, Sawak apanhou um *kakaluk* que continha um *babiduk* e um *kaleik* de ouro. Os dois encontraram um quintal cheio de frutas, e Sawak cortou um ramo de banana madura para se alimentarem. Ao comerem as frutas, os dois choravam, dizendo: “agora estamos comendo, mas se fôssemos apanhados pelo dono morreríamos”. Ao ouvir o choro das duas crianças, a avó, que era a dona do quintal, vendo-as se aproximarem, ficou muito contente, porque tanto ela como o marido não tinham filhos.

Nesta parte de *Manumatadador* é possível perceber nas crianças o medo e o arrependimento de estarem roubando frutas da horta de outrem. Na língua Tetun, há vários lexemas para se referir aos diferentes rituais utilizados para proteger a colheita: *tara bandu* consiste no ritual de pendurar na maior árvore um item, geralmente o primeiro fruto da colheita, avisando assim que está proibido de colher qualquer fruto da área demarcada. Os cidadãos leste-timorenses acreditam que quem rouba este tipo de fruto, chamado de *horok*, que está protegido magicamente, fica amaldiçoado. Ainda, há os lexemas *kakaluk* que significa tanto uma ‘bolsa, sacola’ de artesanato tradicional, assim como significa também qualquer tipo de ‘amuleto, objeto mágico’ que protege aquele que o usa, e *babiduk* e *kaleik* são dois brinquedos tradicionais, sendo o segundo feito de ouro para identificar a ascensão nobre das crianças.

O segundo *ai knanoik* a ser analisado, *Buibabukulasak*, narra a história da filha de Kehi Liurai, chamada de Sawak, mesmo nome da criança de *Manumatadador*, e de sua escrava, que se chama Buibabukulasak. Sawak insistiu diante de seu pai para poder ir à horta junto com Buibabukulasak. O pai não queria, mas acabou deixando a filha ir.

Durante o dia de trabalho na horta e da caminhada de volta para casa, Buibabukulasak esvaziou duas vezes as reservas de comida, assim como criou uma situação para ambas chegarem a outro reino com Sawak como escrava. Assim, Buibabukulasak disfarçada de princesa casa-se com o príncipe do outro reino. Este espera por um bebê que nunca nasce e Buibabukulasak vira uma grávida que não para de comer. Ao final do conto, Sawak revela o segredo de Buibabukulasak: ela era sua escrava e nem estava grávida escondia a comida e outros objetos na barriga.

A seguir está o início do conto Buibabukulasak, que enfoca a diferença do comportamento dos nobres e serviçais. Sawak acaba por ser punida por querer fazer atividades da escrava, assim como a escrava, que não é de confiança, acaba por se aproveitar de toda a situação, iniciando na primeira oportunidade a roubar a comida de Sawak.

4. *Buibabukulasak*

Kehi Liurai ho oan fetu ida naran Sawak, hela hamutuk ho sira atan ida naran Buibabukulasak (BBL). Loro-loron BBL ba hein manu liin iha natar. Loron ida Sawak husu nia aman atu tuir BBL ba natar, maibee nia aman la husik. Sawak tanis atu ba hodi nia kbiit rasik. Tan ne?e mak nia aman haruka ema halo nia bukae, etu ho na?an tau iha tanasak ida halo sira lori. To?o natar etu ho na?an ne?e BBL han hotu tiha, nia la foo Sawak. To?o loro manas Sawak hamlaha ona, BBL fila fali ba sira uman, hola tan etu ho na'an, hodi to?o dalan nia loke tanasak han hotu tiha hahaan sira ne?e. Hafaoin tau fali tiha karau ten ho hili tiha samodo maten ida tau tan tiha ba laran, hodi liu ba foo Sawak.

Buibabukulasak (tradução)

Kehi Liurai morava com a filha, chamada Sawak, e uma serva, chamada Buibabukulasak (BBL). Todos os dias, ela ia ao campo de arroz para enxotar as aves. Certo dia, Sawak pediu ao pai para ir com BBL ao campo de arroz, mas o pai não deixou. A menina chorava e o pai acabou deixando-a ir com BBL. Ele mandou preparar comida, enchendo um *tanasak* de carne e arroz. No meio do caminho, BBL comeu toda a comida que levava. Na hora do almoço Sawak estava cheia de fome. BBL voltou para casa e pediu mais comida, dizendo ao pai que Sawak queria mais. Outra vez o pai mandou preparar comida, como já tinha feito. No meio do caminho, BBL comeu de novo tudo, e encheu o *tanasak* com excremento de búfalo e uma cobra morta que apanhou, tapando o *tanasak* e levando-o para Sawak. Ao ver BBL, Sawak ficou encantada, porque tinha muita fome e julgava que havia arroz e carne dentro de *tanasak*. Afinal, o que existia era uma cobra morta e excremento de búfalo. Sawak começou a chorar, mas BBL não ligou.

Na sociedade leste-timorense, ainda preserva-se resquícios da organização social pré-colonial, que era dividida em pequenos reinos. Nestes reinos, a divisão entre nobres e serviçais era fundamental, assim as repercussões linguísticas dessa divisão também estão presente em Tetun. O lexema *liurai* significa ‘rei’, enquanto há *datoo* ‘nobre’, que são nobres, mas abaixo do *liurai*. O próprio nome do pai de Sawak, Kehi Liurai, indica sua ascendência nobre. Finalmente, *ata* ‘servo, escravo’ é o lexema usado para os

serviçais. Ainda, o cidadão comum deve usar uma forma de registro diferente da língua Tetun para se referir ao *liurai*, conforme Thomaz (2002: 115) analisou. O *liurai* não ‘come’ *han*, mas ‘toma’ *hola* ou ‘consome’ *hamalak*, ele também não ‘diz’ *hateten*, mas deixa ‘cair a palavra’ *hatun lia*. Pensando em sua posição superior, o *ata* ‘servo, escravo’ não fala ao *liurai*, mas ‘eleva a palavra’ *hasa?e lia* a ele.

Desta maneira, Sawak recebeu sua punição por querer realizar o trabalho de sua serviçal no campo de arroz. Como já foi mencionado anteriormente, *to?os* ‘horta, roça’ está presente na literatura leste-timorense por ser fundamental na plantação e na alimentação, especialmente o campo de arroz, que é a base da alimentação em Timor Leste. Essa importância reflete-se em Tetun, já que o campo de arroz possui uma denominação própria, sendo chamado de *natar*, da mesma maneira o pássaro que destrói a *natar* ‘plantação de arroz’ é chamado de *manu liin*, e o arroz é classificado no léxico tetumófono de acordo com sua funcionalidade: *etu* ‘arroz cozido’, *foos* ‘arroz descascado, mas não cozido’, *hare* ‘arroz não descascado, planta do arroz’. Para finalizar, o *tanasak* é um recipiente cilíndrico para guardar comida a ser usada em longas viagens.

Os três *ai knanoik* que seguirão abaixo, *lekrauk no laho* ‘o macaco e o rato’, *lekrauk ho lafaek* ‘o macaco e o crocodilo’ e *asu ho lekrauk* ‘o cachorro e o macaco’, tratam-se de contos populares que possuem grosso modo semelhanças com a fábula e a figura central em todos eles é a do *lekrauk* ‘macaco’. O macaco é visto na cultura leste-timorense como um animal ruim pelo fato de ser um bicho ágil e astuto na arte de roubar e enganar. Desta maneira, no primeiro conto, *lekrauk no laho* ‘o macaco e o rato’, o macaco tenta enganar o rato mais de uma vez e acaba sendo punido com a morte com isso. No segundo e terceiro, *lekrauk ho lafaek* ‘o macaco e o crocodilo’ e *asu ho lekrauk* ‘o cachorro e o macaco’, o macaco também engana os outros animais, porém não são punidos, pois ambas as histórias procuram explicar e justificar o porquê dos outros animais não gostarem do macaco.

5. *Lekrauk no laho*

Loron ida lekrauk ho laho halo belu. Sira na?n rua ba haris iha mota laran ida. Haris hotu tiha sira fila ba sira uman. To?o ema nia to?os laran ida sira haree hudi hun ida tasak hela. Lekirauk hatete ba laho: “ita rua taru se mak bele sa?e ba han hudi ne?e”. Laho hataan ba nia katak ha?u mak sa?e uluk. Laho sa?e ba, lekirauk dehan ha?u sura to?o sanulu o han hotu hudi ne?e. Laho sa?e nia komesa sura ona. Sura to?o sanulu laho la konsege han hotu hudi ne?e, tanba nia loke hudi lahatene, tun fali. Lekrauk hamnasa hodi hateten, o lakon buat di?ak ida iha

o nia moris ne?e. Lekirauk sa?e fali nia han tiha soe kulit tun ba laho. O han tok di?ak ka lae? Laho koko ba hodi dehan ba lekirauk katak furak loos. Lekirauk han to'o bosu tiha nia tun fali hodi sira la?o nafatin. To?o fali ema nia to?os laran ida laho haree ema sunu hela nia ai tahan iha to?os laran. Laho hatete ba lekrauk: "ita na?in rua taru tan se mak bele subar tama iha ai tahan laran ne?e. Lekrauk hatete ba laho: "agora o mak tama uluk". Laho dehan di?ak. Laho tama tiha, dehan ba lekrauk katak: "ha?u sura to'o sanulu o sunu ahi ba ai tahan ne?e". Laho tama tiha, nia suu hela rai kuak hodi hasees an hosi ahi manas. Rai kuak hotu tiha nia hakilar sai hela ba lekrauk katak: bele sunu ona. Lekrauk sunu tiha, hodi haksoit ba mai los. Nia kontente hanoin katak laho mate ona. Maibee laho halai sai tiha ba li?ur. To?o ahi mate tiha, nia haksoit sai mai. Lekrauk hakfodak los. Laho dehan agora o tama fali. Lekrauk tama liu ai tahan laran, nia sura to?o sanulu laho sunu. Tanba lekrauk lahatene su rai hodi hases an hosi ahi manas, ahi han nia motuk tiha.

O macaco e o rato (tradução)

Era uma vez um macaco e um rato que ficaram amigos. Eles foram tomar banho no rio. Depois do banho, voltaram para casa, seguindo um caminho dentro de uma horta. Ao ver um cacho de bananas maduras, o macaco pensou em comê-las. E disse, então, ao rato: "Vamos apostar quem é mais rápido em comer bananas e tirar as cascas?" O rato foi o primeiro a subir. Enquanto o rato estava subindo, o macaco começou a contar até dez. Mas o rato não conseguiu descascar a banana, e acabou descendo sem comer. O macaco, saltando de um lado para o outro, disse: "Perdeu uma boa oportunidade". Chegou a vez do macaco. Subiu rapidamente e comeu a banana, descascando-a sem problemas e atirando a casca ao seu colega, dizendo: "Experimental! É bom ou não?". Depois de experimentar a casca, ele foi dizendo: "É saboroso". O macaco comeu tudo, desceu e continuaram a andar. Chegaram, agora, a uma horta cujo dono estava retirando lenha e folhas secas para queimar. Ao ver isto, o rato disse: "Colega! Vamos fazer mais uma aposta. Vamos ver quem é que consegue entrar nessas folhas secas sem ser queimado e sair vivo". O rato foi o primeiro a entrar. Enquanto o macaco contou até dez, o rato cavou um buraco e procurou um jeito de escapar do perigo. Depois de contar até dez, o macaco começou a queimar as folhas secas. Pensava que o rato tinha morrido e dava gargalhadas. Depois de um tempo o rato apareceu vivo. O macaco ficou assustado e disse: "Como é que você conseguiu escapar do fogo?". "Ah! Não custa nada. É só cobrir bem o corpo com as folhas" respondeu o rato. O macaco entrou, e depois de entrar, o rato queimou as folhas. O macaco não conseguiu escapar e acabou morrendo.

Em *lekrauk no laho* 'o macaco e o rato', quem deseja roubar *hudi* 'banana' é o *lekrauk* 'macaco', que acaba por convencer o rato a fazê-lo também. Porém, o *laho* 'rato' não consegue e o macaco engana-o. Assim, segue a história para *to?os* 'horta', que como foi analisado acima, é considerado um local de importância fundamental na sociedade leste-timorense, mas o macaco não respeita e quer realizar brincadeiras que podem prejudicar tanto o colega rato, quanto a plantação e o dono da horta. Desta maneira, ao final o macaco é punido com a morte.

6. *Lekrauk ho LafaeK*

Loron ida beik rawa la?o hela iha mota ida sorin, hodi haree hela mota boot tun hela ba tasi. Nia hanoin hela halo nusa mak bele hakat liu tuir nia maluk sira ba mota sorin. La kaleur lafaek barak mai hale?u lekrauk ne'e atu han nia. Lekrauk fatin ses nian la iha ona, nia hein atu mate de?it ona. Iha maufinu nia laran ne?e lekrauk hanoin hetan nia lia ida hodi hatete lafaek katak: "imi labele han ha?u lai, tanba ha?u hanoin imi barak liu i ha?u mesak ida de?it. Di?ak liu husik ha?u hakat ba sorin lai hodi bolu ha?u nia maluk sira iha mota sorin, atu nune?e

imi bele han to?o bosu. Lafaek suri sukat ba mai hodi hatete ba malu: “katak los duni ita barak liu fahe lekirauk ida ne?e la to?o malu di?ak liu haruka nia ba bolu tiha nia maluk sira nebaa ne?e”. Nune?e sira simu ona lekrauk nia hanoin ne?e atu bolu lai nia maluk sira iha mota sorin. Maibee lekrauk hatete fali ba lafaek sira ne?e: “ha?u hakarak hatene imi na?n hira mak iha mota laran ne?e, entaun imi tenki forma husi mota ninin ne?e to?o sorin balu atu nune?e ha?u bele sura imi”. Lafaek sira komesa forma ona iha mota laran, hanesan lekrauk haruka. Hotu tiha, lekrauk haksoit hosi lafaek ida ba lafaek seluk hodi hakur liu tiha mota sorin. Liu tiha mota sorin lekrauk sira halai liu husik hela lafaek sira hamlaha hela iha mota laran.

O macaco e o crocodilo (tradução)

Era uma vez um macaco que andava na beira do rio. Ele não conseguia seguir os amigos porque a corrente do rio estava forte. Assim, muitos crocodilos cercaram-no e ameaçaram comê-lo. O macaco não tinha muito espaço para escapar e só aguardava a chegada da morte. Ele disse aos crocodilos: “Não me comam, porque eu sou apenas um macaco. A minha carne não chega para todos vocês. Olhem para a outra margem do rio, lá estão muitos macacos. Deixem-me em paz, e eu vou chamar os meus colegas para alimentar vocês”. Os crocodilos aceitaram o pedido do macaco. O macaco mandou-os fazer fila, de um lado ao outro do rio. O macaco começou a saltar sobre eles e a contá-los até ao outro lado do rio. Desse modo, o macaco saiu do rio, deixando os crocodilos com fome lá dentro.

Na cultura leste-timorense, acredita-se que *lafaek* ‘crocodilo’ é o animal que deu origem a ilha de Timor, sendo ilha o corpo de um crocodilo mitológico gigante. Assim como, acredita-se também que os antepassados dos timorenses sejam crocodilos. Por esses fatores o crocodilo é considerado o animal mais sagrado em toda a região. O *ai knanoik lekrauk ho lafaek* apresenta, em certa medida, um sacrilégio cometido pelo macaco ao enganar o crocodilo, se utilizar dos demais para obter vantagens e deixá-los abandonados com fome. Ainda, segundo a cultura popular leste-timorense, o crocodilo somente se alimenta de pessoas ruins, no caso aqui de um animal ruim, como uma forma de punição.

7. *Asu ho Lekirauk*

Hori uluk liu animaal sira di?ak malu hanesan moos ita emar. Loro-loron sira te?n ba han hanesan ita emar. Sira mos halo orariu atu te?n ho suru hanaan ba sira han. Loron ida manu sira mak te?n, loron tuir fali fahi, laho, lekrauk sira te'in hotu. Agora tempu to?o ona asu mak te?n ba sira han. Te?n hotu tiha asu lakohi fahe. Nia haruka fali lekirauk mak fahe, maibee lekirauk lakohi. Nune?e asu hatete ba animal sira seluk katak: “ha?u mak fahe maibee imi keta hamnasa ha?u. Sira hotu hataan katak: “ami la hamnasa”. Entaun komesa tur ona hodi fahe hahan ba sira. Haree ba asu ne?e tur sala hela. Sira seluk nonok deit tanba ta?uk asu tata sira, maibee lekrauk sira kili malu hodi hamnasa tan haree asu tur sala. Asu moe ida ne?e duni hotu lekrauk sira sa?e hotu ba ailetan. Tanba na?e mak sira sei odi malu to?o ohin loran.

O cachorro e o macaco (tradução)

Antigamente, os animais se davam, assim como os seres humanos. Eles cozinhavam todos os dias para se alimentarem, como acontecia com o homem. Eles tinham horários para cozinhar. Certo dia, chegou a vez do cachorro. Assim como os outros animais, eles cozinhavam e compartilhavam a comida uns com os outros. O cachorro queria cozinhar, mas não queria compartilhar com os outros animais. Mas, o macaco exigiu que o cachorro o fizesse. O cachorro disse, então: “eu posso compartilhar a comida, mas nenhum de vocês pode rir”. Todos estavam de acordo, e o cachorro sentou no chão. Ao verem o procedimento do cachorro, os outros

animais ficaram calados, exceto o macaco, que se começou a dar gargalhadas. O cão ficou furioso. E, por vergonha, expulsou todos os macacos para cima das árvores. Até hoje, cachorros e macacos não se dão bem uns com os outros.

O macaco novamente é representado como um animal maligno que acaba por humilhar *asu* ‘cachorro’. A punição dada aos macacos pelos cachorros é viver no ‘topo das árvores’ *aileten*, assim o conto *asu ho lekrauk* procura também explicar a rivalidade no meio ambiente leste-timorense existente entre cães e macacos, e a condição do macaco viver em cima das árvores. De certa maneira, procura valorizar, na figura do cachorro, o estilo de vida mais rural e mais humilde que vem sendo fruto de preconceitos pelo povo leste-timorense, representado na figura do macaco. Esta posição preconceituosa dos cidadãos leste-timorenses contra o estilo de vida rural e humilde foi apontada anteriormente e pode ser vista claramente neste conto.

4. Considerações finais

Este artigo consiste em uma introdução à análise das narrativas orais tradicionais leste-timorenses, concentrando-se nos contos populares, chamados de *ai knanoik*, em língua Tetun, língua oficial da República Democrática de Timor-Leste, que possui o status de língua franca e é a língua nativa com mais falantes no país.

Como o presente trabalho é pioneiro e de natureza introdutória, procurou-se comentar a escassa bibliografia a respeito da literatura oral tetumófona, assim como analisar os principais gêneros orais em língua Tetun, sendo eles: *hamulak*, *ai knananuk* e *ai knanoik*. Ainda, comentaram-se as dificuldades da realização da coleta de dados em campo desses registros orais.

A análise propriamente dita foi focada nos *ai knanoik* em língua Tetun, como foi dito acima, e apontaram-se, de maneira superficial, as relações entre língua e meio ambiente nessa manifestação literária tetumófona específica. Especificamente, como o solo e o relevo leste-timorense (características do meio ambiente) acabam por limitar a agricultura no país. Isto faz com que a alimentação escassa torne-se um bem muito procurado e esteja ligado a uma série de rituais na sociedade leste-timorense. Ainda, o roubo de alimentos é algo constante na literatura oral e deve ser punido exemplarmente, como foi apontado.

Desta maneira, este artigo procura dar início a análise das narrativas orais leste-timorense, seguindo uma abordagem ecológica. O presente autor espera, em trabalhos

futuros, poder preencher os hiatos deste artigo e seguir com análises aprofundadas e que abrangem outros gêneros textuais tetumófonos.

Referências

Albuquerque, D. B. (2009). Pré-história, história e contato lingüístico em Timor Leste. *Domínios de Lingu@agem* 6 (2): 75-93.

_____. (2010). Elementos para o estudo da ecolinguística de Timor Leste. *Domínios de Lingu@agem* 7 (1): 21-36.

Araújo, V. (2000) *Um estudo sobre o rito de tradição oral AI-HULUN e as suas actuais práticas religiosas e mágicas no suco de Mauchiga*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.

Bartkowiak, T. (1979) *Gems from the island of Timor*. Ende/Flores: Nusa Indah.

Couto, H. H. (2007a). *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus.

_____. (2007b). A ecologia das relações espaciais: as preposições do Crioulo-Guineense. *Papia* 17: 80-111.

Fox, J. J. (2000). Tracing the path, recounting the path: historical perspectives on Timor. In: Fox, J. J; Soares, D. B. (eds.) *Out of the ashes: destruction and reconstruction of East Timor*. Hindmarsh: Crawford House Publishing. p. 1-27.

Gomes, N. S. (2007). *A literatura popular de tradição oral, em Timor-Leste: caracterização, recolha e modos de escolarização*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.

Hajek, J. (2000). Language planning and the sociolinguistic environment of East Timor: colonial practices and changing language ecologies. *Current Issues in Language Planning* 1:400-413.

Haugen, E. (1972). *The Ecology of Language*. California: Stanford University Press.

Klinken, C. (2000). Oral traditions in Tetun Fehan. Trabalho apresentado ao *East Nusantara – 2º Workshop Questionnaires on Oral Traditions*.

Mathijsen, A. (1915) *Eenige fabels en volkslegenden van de onderafdeling Beloe op het eiland Timor*. Batavia: Albrecht & Co.

- Morris, C. (1984) *Ai knananuk ho ai knanoik nousi Rai Timur: rai nousi lafaek dukur. Verse and legends from Timor the land of the sleeping crocodile, book 1.* Frankston/Victoria: H.C. Morris.
- Mühlhäusler, P. (2003). *Language of Environment. Environment of Language. A Course in Ecolinguistics.* Londres: Battlebridge.
- Sá, A. B. (1961). *Textos em Teto da literatura oral timorense.* Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Seran, J. B. (1986) *Pantun Bahasa Tetun Timor.* Kupang: Penerbit Yayasan Oemata Moris.
- Therik, G. T. (2004). *Wehali, the Female Land: Traditions of a Timorese Ritual Centre.* Canberra: Pandanus Books.
- Thomaz, L. F. (2002). *Babel Loro Sa'e: o problema lingüístico de Timor Leste.* Lisboa: Instituto Camões.
- Traube, E. (1986). *Cosmology and Social Life: Ritual Exchange among the Mambai of Timor.* Chicago: The University of Chicago Press.

Resumo

O presente artigo faz uma abordagem ecolinguística da língua Tetun, falada em diferentes regiões de Timor Leste. Procuro apresentar algumas relações entre língua e meio ambiente encontradas em diferentes variedades da literatura oral em língua Tetun. Para tanto, far-se-ão breves palavras a respeito da literatura oral leste-timorense, seguidas por uma análise ecolinguística do Tetun.